O simbolismo da boca através de alguns provérbios portugueses

FLORENCE LÉVI
París (Francia)

A. INTRODUÇÃO

Um trabalho universitário realizado em 1993 levou-me a constatar a existência de vários provérbios portugueses que fazem referência à boca.

A análise do seu significado permite classificá-los do seguinte modo: provérbios que exprimem valores negativos ou positivos da palavra; provérbios éticos («hipocrisia» -v.s. «sinceridade»; «justiça» -v.s. «injustiça»; «soberba») e provérbios psicossociais («desejo»/«realidade»; «autonomia»).

Não apresentarei aqui os provérbios de maneira exaustiva, mas seleccionarei um ou dois por categoria, e, para cada um deles, analisarei: a sua origem (histórica, oral) e as suas correspondências com os provérbios franceses e espanhóis.

B. VALORIZAÇÃO DO SILENCIO

Em português, a maioria dos provérbios relativos a comunicação exprime a superioridade do silêncio sobre a palavra. Além do provérbio quase universal: «a palavra é de prata, o silêncio é de ouro», existem alguns —no repertório dos provérbios portugueses— usando a metáfora da boca para expressar esta importância do silêncio.

1. Pela boca morre o peixe

Trata-se antes de uma locução proverbial do que de um provérbio, muito empregada ainda hoje em Portugal e, ao que parece, por pessoas pertencentes a todas as classes sociais. Nos dicionários, este «provérbio» é frequentemente seguido de: «e a lebre ao dente».

Esta locução proverbial significa a um mesmo tempo que aquele que fala muito corre o risco de ser punido e que, quando se fala, deixa-se escapar opiniões, verdades, que se deveria calar. Aquele que fala perigosamente trai-se.

Um locutor francófono pode ficar surpreendido por esta locução proverbial, mesmo —e sobretudo— se estiver familiarizado com o português, língua na qual o mutismo é simbolizado, entre outros, pelo peixe. Com efeito, costuma-se dizer: «É mudo como um peixe».

Na locução proverbial «pela boca morre o peixe», o peixe funciona como uma imagem para significar que, do mesmo modo que os peixes são apanhados pela boca, o homem morre pela boca se dela não souber fazer bom uso.

Esta locução proverbial não tem equivalente em francês; mas em gascão, encontramos: *Beaucoup meurent par la bouche comme les poissons* (Loux et Richard, 1978: 215). Enquanto, em português, o provérbio emprega a metáfora, e em gascão a comparação, a idéia permanece a mesma.

Em espanhol também se diz: *Por la boca muere el pez.*

Outros provérbios confirmam que a palavra, ou, antes, a «conversa fiada», é um perigo mortal, ou, pelo menos, que pode acarretar uma diminuição do tempo de vida:

«Língua comprida faz a vida curta» = *longue langue, courte vie.* Um adágio do século XVI diz: *Les longs propos font les courts jours* (Rey, 1989: 129).

2. Quem confessa pela boca morre pelo pescoço

Em francês: *Qui dit toute la vérité finit pendu au gibet* (Dournon, 1986: 186).

O significado deste provérbio é semelhante ao precedente, mas com uma conotação jurídica. Trata-se, evidentemente, de uma referência aos processos.

3. Boca calada vence tudo

Em francês: *Bouche fermée triomphe de tout.*

4. Boca fechada, mais forte que muralha

Em francês: *Bouche close, plus forte que murailles.*

Estes dois provérbios apresentam uma significação quase semelhante na medida em que ambos entendem o silêncio como o acto de fechar a boca, acto este que é força, muralha, protecção, meio de vencer. Subentendem que a comunicação é um sistema de forças em que o interlocutor que cala protege-se dos ataques e sai da luta vitorioso. Observa-se, portanto, ali, que há no silêncio toda uma conotaçao de força e de resistência.

Aliás, um outro provérbio diz:

5. Boca fechada, tira-me da baralha, ou ainda, evidentemente:

6. Em boca fechada, não entra mosca = *En bouche close n'entre mouche* (1610). Em espanhol: *En boca cerrada no entran moscas/no entra mosca.*

A ideia da força da boca fechada tem sua origem na Antiguidade: Num tratado, traduzido em francês por: *Le bavardage* (*De garrulitate*), Plutarco apresenta diversos exemplos escolhidos na história grega ilustrando os perigos de falar muito e a utilidade do silêncio, do segredo que se sabe guardar. Além disso, a boca como sentinela, a «custodia buccae», é uma noção essencial para os eclesiásticos da Idade Média, como bem mostraram Silvana Vecchio e Carla Casagrande na obra intitulada *Les péchés de la langue* (Título original: *I Peccati della Lingua*).

Saber calar-se é saber guardar. Em português, um provérbio diz: «quem sabe calar sabe guardar». Guardar opõe-se a deitar fora, a lançar. Diz-se, por exemplo: «deitar um segredo ao mar/ à rua». E, «guardar um segredo» opõe-se a «soltar a língua».

Para uma interpretação mais correcta destes provérbios, é preciso entender «calar» como «calar certas coisas», quando é necessário. Isto faz-nos lembrar todo o sistema moral do século XVII e renvia-nos, por exemplo, a Balthazar Gracián:

> *Hablar con prudencia.* Con los competidores por cautela; con los demás por decencia. Siempre hay tiempo para soltar las palabras, pero no para retirarlas. Hay que hablar como en los testamentos: cuantas menos palabras, menos pleitos. Uno debe practicar en lo que no importa para cuando sí importe. El secreto parece algo divino. El que habla con facilidad está cerca de ser *vencido y convencido* (*El arte de la prudencia. Oráculo manual*, 1993: 94-95).

Outros provérbios mostram que a boca é perigosa, visto que deixa escapar, não intencionalmente, proposições que traem —elas próprias— verdades.

«A boca foge para a verdade» quando, às vezes, não se pôde controlar o que ela disse.

Em Portugal, como aliás em outros países, são as mulheres que falam pelos cotovelos e que não sabem guardar segredo:

7. Segredo em boca de mulher é manteiga em focinho de cao;
8. Segredo em boca de uma mulher é como uma cesta de penas atiradas ao vento num dia de tempestade;
9. Segredo em boca de mulher é o mesmo que escrever em papel;
10. Se teu segredo confias a uma mulher, em breve será público, ou inversamente, diz-se que **na boca do discreto, o público é secreto.**

C. PROVERBIOS ÉTICOS

11. Boca de mel, coração de fel = *Miel sur la bouche, fiel sur le cœur.*

A hipocrisia é assim representada, o que equivale a dizer que ela se constata pela oposição entre o que é dito —cheio de doçura— e o que é sentido —repleto de fel.

Este provérbio deve estar certamente relacionado com a Bíblia. Com efeito no Apocálipse de São João, Capítulo X, o apóstolo diz, na abertura do sétimo sigilo:

> 8. E a voz que eu do céu tinha ouvido, tornou a falar comigo, e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo, que está sobre o mar e sobre a terra.
> 9. E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e fará amargo o teu ventre, porém na tua boca será doce como mel.
> 10. E tomei o livrinho da mao do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel ; e havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo.
> 11. E ele disse-me: Importa-te profetisar outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis.

O coração é, pois, garantia e símbolo da autenticidade; ele é marca da interioridade, ao passo que a boca é um orgão que abre sobre a exterioridade.

Esta oposição entre a boca e o coração encontra-se também na mitologia grega, mais precisamente no Canto IX da Ilíada em que Aquiles declara:

> Odeio como as portas de Hades quem esconde uma coisa em sua alma, e diz outra (Homéro. Tradução de Cascais Franco, Lisboa: Europa.-América, p. 130).

Nota-se que a palavra grega traduzida por alma é φρηεσίν (plural de φρην que significa o diafragma, e no plural as vísceras → a alma; o coração)[1].

No Egipto, a franqueza era representada por um coração suspenso a um gorgomilo. E em português, «ter o coração ao pé da boca» significa ser franco, sincero. Um provérbio diz: «Homem pequeno, coração ao pé da boca».

Quem diz hipocrisia diz duplicidade. O locutor separa aquilo que ele diz daquilo que ele sente. Não somente ele separa, mas fala em contradição com aquilo que sente. A doçura aparente das palavras que saem da sua boca esconde um coração cheio de ódio e de fel.

Etimologicamente, hipocrisia significa: resposta num diálogo de teatro, donde: jogo de actores, e, em seguida, dissimulação, falsa aparência. É, pois, a dissimulação que se encontra no centro da hipocrisia. Dissimular é enganar, mas pode-se ocultar sem enganar, isto é reter, segurar, conter, não dizer tudo, e seria então uma qualidade, posto que é a característica do sábio.

12. O que o sábio guarda no coração, tem na boca o beberrão = *Ce que le sage garde dans le coeur, l'ivrogne l'a à la bouche.*

---

[1] Jean Starobinski analisa este trecho da Ilíada no seu livro *Le remède dans le mal.*

Plutarco, no tratado *Le bavardage*, cita claramente este ditado como um provérbio:

Como diz o provérbio, aquilo que um homem em jejum tem no coração, um homem bêbado o tem na ponta da língua[2].

Observemos que o papel desempenhado pelo beberrão é, em francês, em geral, desempenhado pelo louco. Por exemplo: *Bouche en cœur au sage, cœur en bouche au fou.*

13. Cruz na boca e o Diabo no coração

Ao que parece, este provérbio é menos frequente hoje em dia que Boca de mel, coração de fel, mas merece, apesar de tudo, ser conhecido.

14. Uns comem os figos, a outros rebenta-lhes a boca ou Uns comem os figos, aos outros rebentam/assam os beiços

Segundo as fontes consultadas —orais e escritas— o sentido deste provérbio difere ligeiramente , na medida em que quer dizer, ora que uns são privilegiados (comem os figos), e outros sofrem as consequências do mal que fizeram, ora que do mesmo acto, todo o proveito é para uns, todo o dano para outros. Mas, seja como for, este provérbio privilegia, de maneira ilustrada, referindo-se à boca, a ideia de injustiça.

Em francês, podemos escolher entre diversos provérbios que exprimem a mesma idéia:

— *cheval faisant la peine ne mange pas l'avoine*;
— *la chèvre a mordu les cailloux, les dents du mouton sont tombées* (Martinique);
— *le soldat combat, c'est l'officier qui porte les galons* (Martinique);
— *les uns lèvent le lièvre, les autres le tuent*;
— *l'un a battu les buissons, l'autre a pris les oisillons.*

Mas, somente os dois primeiros fazem alusão à boca, e nenhum deles retoma a imagem dos figos. O sentido evoca aqui o provérbio bíblico: *Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos é que se embotaram* (Jeremias, 31-29, Ezequiel, 18.2 *A Biblia Sagrada*, Rio, 1962).

Não terá este provérbio origem em La Fontaine que, na *Vida de Esopo*, conta uma fábula na qual é Esopo —inocente e gago— que é acusado de ter comido os figos que, em verdade, foram comidos por Agathopus e seus amigos:

> Or, il arriva que ce maître, étant allé voir sa maison des champs, un paysan lui donna des figues: il les trouva belles et les fit serrer soigneusement, donnant ordre à son sommelier, nommée Agathopus, de les lui apporter au sortir du bain. Le hasard voulut qu'Esope eût affaire dans le logis. Aussitôt qu'il y fut entré, Agathopus se servit de l'occasion et mangea les figues avec quelques-uns de ses camarades: puis ils rejetèrent cette friponnerie sur Esope, ne croyant pas qu'il se pût jamais justifier, tant il était bègue et paraissait idiot! Les châtiments dont les anciens usaient avec leurs esclaves étaient fort cruels et cette faute très punissable. Le pauvre Esope se jeta aux pieds de son maître; et se faisant entendre du mieux qu'il put, il témoigna qu'il demandait pour toute grâce qu'on sursît de quelques moments sa punition.

Aliás, o termo «figo» corresponde em grego ao termo *συχον* que também significa delação e que deu origem ao termo *συχοφαντης* («sicofanta»): delator de ladroes ou contrabandista de figos, e, em geral: delator, denunciador.

Penso que este provérbio refere-se tanto ao acto de roubar —o que explicaria que comer os figos seja considerado como acto repreensível— como ao prazer de comer figos. Do ponto de vista simbólico, não é por acaso que a culpa e a injustiça estão ligadas ao consumo de figos, que pode ser considerado como o fruto proibido. Segundo uma leitura rabínica, a figueira era a árvore do

---

[2] Em grego: Το *γαρ εν τη καρδία τοῦ νήφοντος επι της γλώττης εστι τοῦ μεθύοντος, ως οι παροιμιαζομενοί φασιν* (*Traités*, Tome VII, Paris, Les Belles Lettres, p. 231).

conhecimento do bem e do mal (Berakhot 401 Sanhédrin 706). Qual seria a razão pela qual este sentido de roubo ligado aos figos se tivesse transmitido em português e não em francês?

D. CONCLUSÃO

Embora tenha apresentado apenas alguns provérbios, estes podem ser considerados como representativos do sistema de valores que surge do conjunto de provérbios que incluem a palavra boca. De facto, a boca é pouco fiável por si própria, pois é necessário por prudência, controlá-la, ou mesmo fechá-la. A sua conotação positiva é estritamente utilitária (por exemplo: «Quem tem boca vai a Roma»), embora ela seja menos conotada moralmente do que a língua, orgão particularmente ambivalente e que pode dar lugar a pecados.

A abundância de provérbios que fazem referência à boca explica-se em parte pelo arcaismo da linguagem, na qual se empregava, dantes mais do que hoje, expressões como, por exemplo, «dizer alguma coisa de boca» (oralmente). Aliás, em francês, encontramos equivalentes destes provérbios portugueses de uso corrente nos séculos XVI e XVII. Mas não é a única explicação. Na verdade, para a sabedoria popular, a comunicação e as relações inter-individuais eram representadas essencialmente através do corpo. Porém, isto não é específico da sabedoria popular, dado que a mitologia, os textos fundadores —Bíblia, contos—, assim como as representações iconográficas, procedem da mesma maneira.

Por outro lado, a boca —como se sabe— é o orgão tanto da palavra como da alimentação; aliás, os provérbios contendo o termo boca são representados na sua maioria pelo falar e o comer. No que diz respeito ao comer podemos citar, por exemplo: «a boca não admite fiador; a boca governa-se pela bolsa».

No entanto, é importante notar que encontramos também provérbios éticos —como vimos com «uns comem os figos...»— e filosóficos, exprimindo, por exemplo a necessidade da autonomia («quem tem boca não manda soprar»), ou a distância entre o desejo e a realidade («da mao à boca perde-se a sopa»).

Para concluir, perguntaríamos: assistimos ao mesmo fenómeno em outras línguas?

BIBLIOGRAFIA

Adagiário Português (1965): Selecção e Prefácio de Fernando de Castro Pires de Lima, Coll. «Cultura e Recreio», F.N.A.T.

Bíblia Sagrada (1875), traduzida pelo Padre João Ferreira d'Almeida. Lisboa: Lallemant Frères.

CASAGRANDE, C.; VECCHIO, S. (1991): *Les péchés de la langue*. Paris: Cerf.

DE SOUSA CARRUSCA, M. (1976): *Vozes da sabedoria*, vol. III, Edição da coordenadora.

DOURNON, J.-Y. (1986): *Mini-encyclopédie des proverbes et dictons de France*. Paris: Hachette.

DUNETON, C. (1990): *Le Bouquet des expressions imagées*. Paris: Seuil.

GHITESCU, M. (1992): *Novo Dicionário de Provérbios*. Português, espanhol, francês, italiano, romeno. Lisboa: Escher.

GOMES, M. J. (1974): *Nova Recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses*. Lisboa: Afrodite.

GRACIAN, B. (1993): *El arte de la prudencia. Oráculo manual*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy.

HOMERO (s.d.): *A Ilíada*. Lisboa: Ed. Europa-América.

LÉVI, F. (1994): «De boca em boca ou: De bouche à oreille. Le statut de la bouche et de l'oreille à travers les locutions, expressions et proverbes portugais. Symbolique sous-jacente», *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, 33: 879-936.

LOUX, F.; RICHARD, P. (1978): *Sagesse du corps. La santé et la maladie dans les proverbes français*. Paris: Maisonneuve et La Rose.

MICHAELIS de VASCONCELOS, C. (1986): «Mil Provérbios Portugueses», *Revista Lusitana* (Nova série), 7: 29-71.
MONTREYNAUD, F.; PIERRON, A.; SUZZONI, F. (1989): *Dictionnaire de proverbes et dictons*. Paris: Les usuels du Robert.
MOREIRA, A. (1996): *Provérbios portugueses*. Lisboa: Editorial Notícias.
PLUTARQUE (1975): *Œuvres morales*. Tome VII. Paris: Les Belles Lettres.
PORTO ALEGRE, A. (1980): *Popularium Sul-Rio-Grandense*. Ed. da Urgs, 2a ed.
QUINTÃO DUARTE SILVA, H. M.; QUINTÃO, J. L. (1990): *Dicionário de provérbios*. Alemão, francês, inglês, português. Lisboa: Escher.
REBELO HESPANHA, J. (1943): *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios*. Lisboa.
REY, A. (1992): *Dictionnaire historique de la langue francaise*. Paris: Dictionnaires Le Robert.